

INFLAÇÃO

Análise e projeções de inflação

Sumário

Os dados mais recentes mostram que a melhora do cenário de inflação no país, iniciada no segundo semestre do ano, vem se mantendo nos últimos meses, conjugando forte queda dos preços administrados e recuo mais ameno dos preços livres. Após registrar alta de 11,9%, no acumulado em doze meses, em junho, a inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) veio desacelerando continuamente, de modo que, em novembro, esta variação já havia recuado para 5,9%.

No acumulado do ano, até novembro, a variação registrada pelo IPCA, de 5,1%, reflete, em grande parte, a queda de 4,1% dos preços administrados, especialmente da gasolina (-25%) e da energia elétrica (-19,2%). Além da incidência de uma alíquota menor do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS),¹ a redução dos preços das *commodities* energéticas no mercado internacional e o aumento no nível dos reservatórios explicam, em grande parte, o comportamento baixista dos preços destes bens e serviços, em 2022. No caso dos preços livres, verifica-se que, embora em desaceleração, a melhora no desempenho deste grupo deve-se apenas ao comportamento mais benevolente dos bens industriais, tendo em vista que tanto os alimentos no domicílio quanto os serviços livres apresentam trajetória de alta ao longo do ano. Por certo, mesmo apontando uma variação ainda elevada em 2022 – 8,3%, no acumulado de janeiro a novembro –, a alta dos bens industriais é 2,1 pontos percentuais (p.p.) menor que a observada no mesmo período de 2021. Em contrapartida, a inflação acumulada no ano dos alimentos no domicílio e dos serviços livres registra variações de 12,4% e 7,1%, respectivamente, alcançando patamares bem acima dos verificados em 2021 (7,4% e 3,9%, nesta mesma ordem).

Nota-se, no entanto, que, mesmo diante desta trajetória de aceleração dos alimentos e dos serviços livres, o cenário prospectivo para a inflação brasileira mantém-se favorável, tendo em vista a sinalização de uma deflação ainda mais intensa dos preços administrados. Desta forma, as projeções do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea para o IPCA em 2022 foram mantidas em 5,7%, ainda que a composição tenha se alterado. Por certo, na comparação com as previsões divulgadas na edição anterior da visão geral da *Carta de Conjuntura*, houve um leve aumento das projeções de inflação de alimentos, bens industriais e serviços, cujas taxas estimadas avançaram de 13,2%, 8,7% e 7,6% para 13,3%, 9,0% e 7,8%, respectivamente.

Maria Andreia Parente Lameiras

Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

Marcelo Lima de Moraes

Assistente de pesquisa na Dimac/Ipea

marcelo.moraes@ipea.gov.br

Divulgado em 15 de dezembro de 2022.

1. De acordo com a Lei Complementar no 194/2022, os combustíveis, a energia elétrica, os serviços de comunicação e o transporte coletivo passaram a ser considerados bens e serviços essenciais e indispensáveis, o que limita a alíquota do ICMS.

Em contrapartida, a nova estimativa para os preços administrados indica uma deflação mais forte em 2022 (-4,6%) ante a projetada anteriormente (-4,2%). Este mesmo cenário se estende ao Índice de Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), uma vez que, mesmo mantendo a previsão de alta de 6,0% para o ano, houve pequenas mudanças nas projeções dos segmentos que o compõem. No caso dos alimentos no domicílio, a alta projetada passou de 13,8% para 14,2%, enquanto as estimativas para os bens industriais e os serviços avançaram de 8,3% e 7,2% para 8,4% e 7,5%, respectivamente. A deflação esperada para os preços administrados, por sua vez, tornou-se mais intensa, passando de -3,9% para -4,4%.

Para 2023, embora a projeção de inflação do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea, tanto para o IPCA quanto para o INPC, tenha sido levemente revista para cima – alta de 4,9% ante taxa de 4,7% projetada anteriormente, em ambos os casos –, as estimativas ainda estão baseadas na continuidade deste processo de desinflação pelo qual a economia brasileira vem passando. A desagregação destas previsões, entretanto, revela mudanças na trajetória dos preços monitorados e dos preços livres no próximo ano. No caso dos preços administrados, em que pese a expectativa de um comportamento favorável dos preços do petróleo no mercado internacional e de um cenário hídrico confortável, estima-se que a deflação apresentada por este segmento em 2022 seja revertida ao longo de 2023, pressionada pelos reajustes contratuais das distribuidoras de energia e das operadoras de planos de saúde, além de uma recomposição mais acentuada das tarifas de transporte público. Desta forma, projeta-se uma alta similar, de 5,6%, para os preços administrados em 2023, no IPCA e no INPC.

Já em relação aos preços livres, as expectativas indicam desaceleração da inflação, em 2023, em todos os segmentos que compõem este grupo de bens e serviços. Por certo, mesmo diante da piora do cenário externo e do aumento do risco sobre a taxa de câmbio – advindos de um aperto monetário mais forte em diversos países –, a perspectiva de queda dos preços das *commodities* no mercado internacional, aliada à normalização das cadeias produtivas, deve impedir pressões adicionais sobre os preços dos bens industriais e dos alimentos. Logo, projeta-se alta de 3,3% para os bens industriais no IPCA e de 3,4% no INPC. Adicionalmente, a projeção de uma safra recorde de grãos e a baixa probabilidade de eventos climáticos adversos ajudam a compor um cenário de alta menos intensa dos alimentos em 2023, cujas taxas estimadas são de 5,2% no IPCA e de 5,1% no INPC. Por fim, os efeitos sobre o mercado de trabalho de um crescimento mais modesto da atividade econômica em 2023 devem gerar um arrefecimento da demanda por serviços e, por conseguinte, uma desaceleração da inflação deste segmento, cujas altas projetadas para o próximo ano são de 5,4% no IPCA e 5,5% no INPC.

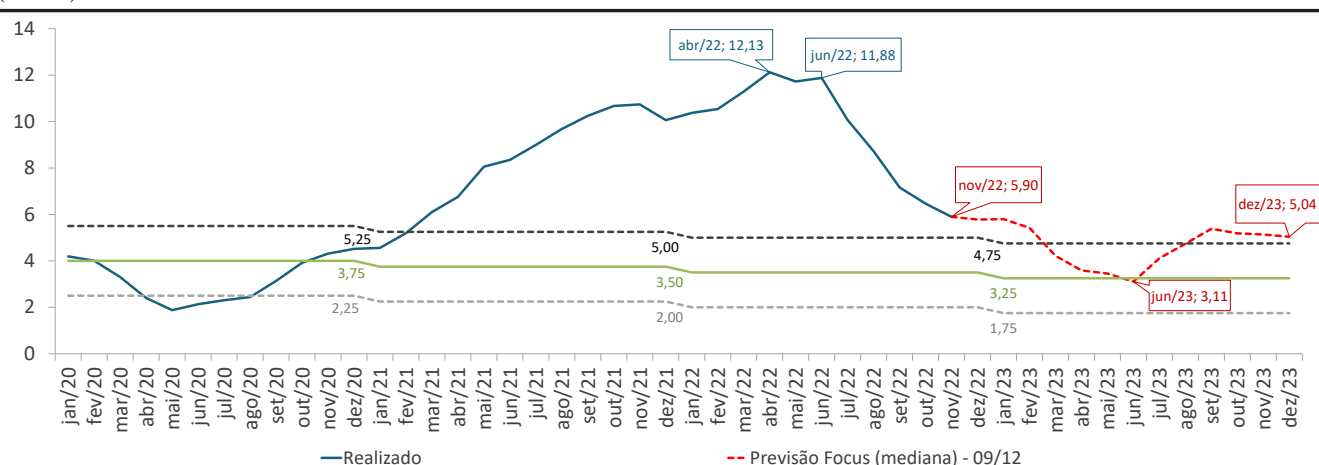
Cabe ressaltar, no entanto, que não estão descartados riscos inflacionários adicionais, que podem limitar este processo de desinflação em 2023. Pelo lado da economia mundial, o prolongamento da guerra entre Rússia e Ucrânia pode gerar uma reversão da trajetória mais benevolente das *commodities*, especialmente do petróleo e dos cereais. Já internamente, as incertezas em relação à política fiscal podem trazer impactos negativos sobre a taxa de câmbio.

1 Inflação: aspectos gerais e projeções

Após encerrar o primeiro semestre do ano com taxa de variação acumulada em doze meses de 11,9%, a inflação brasileira, medida pelo IPCA, veio desacelerando continuamente, de modo que, em novembro, a alta apurada foi de 5,9%. Embora grande parte deste recuo tenha origem na deflação dos preços administrados, a melhora no comportamento dos bens industriais também ajuda a compor este quadro de maior alívio inflacionário. Nota-se ainda que, diante deste cenário corrente mais favorável e tendo em vista a perspectiva de continuidade deste movimento de desaceleração nos próximos meses, as expectativas de mercado – segundo o relatório *Focus* do Banco Central do Brasil (BCB) – estão baseadas em uma queda contínua da inflação acumulada em doze

meses até meados de 2023 (gráfico 1). O repique no terceiro trimestre do ano que vem que se nota no gráfico será causado pela saída, na taxa acumulada em doze meses, dos meses com variações negativas mais acentuadas em 2022.

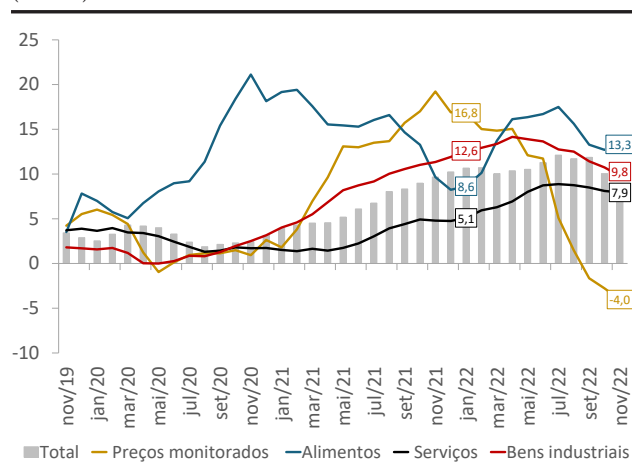
GRÁFICO 1
IPCA: taxa de variação acumulada em doze meses e metas de inflação
(Em %)



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e BCB.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

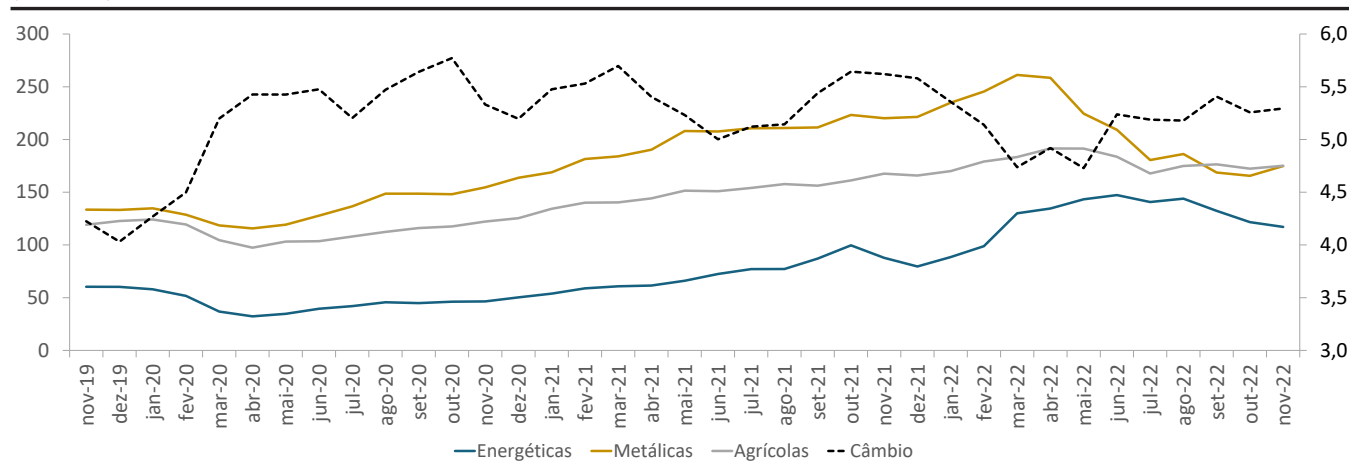
Por certo, a abertura da inflação por segmentos (gráfico 2) mostra que, nos últimos meses, os preços administrados se constituíram no maior ponto de decompressão inflacionária. Em novembro, no acumulado em doze meses, este conjunto de preços apresenta deflação de 4,0%, desacelerando fortemente quando comparado ao observado no início do ano (16,8%). Além da desoneração dos combustíveis e da energia, a queda das cotações internacionais das *commodities* energéticas explica este recuo significativo dos preços dos bens e serviços administrados. No caso dos bens industriais, além da apreciação cambial de 5,1%, em 2022, a melhora no desempenho deste grupo reflete, sobretudo, a desaceleração dos preços das *commodities* metálicas no mercado internacional (gráfico 3), que, conjugada à normalização das cadeias produtivas de insumos, vem reduzindo os custos de produção. Logo, de janeiro a novembro de 2022, a alta dos bens industriais acumulada em doze meses recuou de 12,6% para 9,8%. Em relação aos alimentos no domicílio, os dados mostram que, após o recuo observado entre agosto e outubro, a inflação acumulada em doze meses deste grupo de bens voltou a acelerar em novembro, chegando a 13,3%. De fato, mesmo diante de um cenário mais benevolente para as *commodities* agrícolas, a partir do segundo trimestre, a forte alta dos produtos *in natura* e dos leites e derivados explica grande parte desta alta dos preços dos alimentos em 2022. Por fim, os dados mostram que, embora a trajetória de alta da inflação dos serviços livres tenha se iniciado no primeiro trimestre de 2021, este movimento vem se intensificando ao longo deste ano, de modo que, no acumulado em doze meses, a taxa de variação desses preços avançou de 5,1%, em janeiro, para 7,9%, em novembro.

GRÁFICO 2
IPCA: total e categorias (taxa de variação acumulada em doze meses)
(Em %)



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

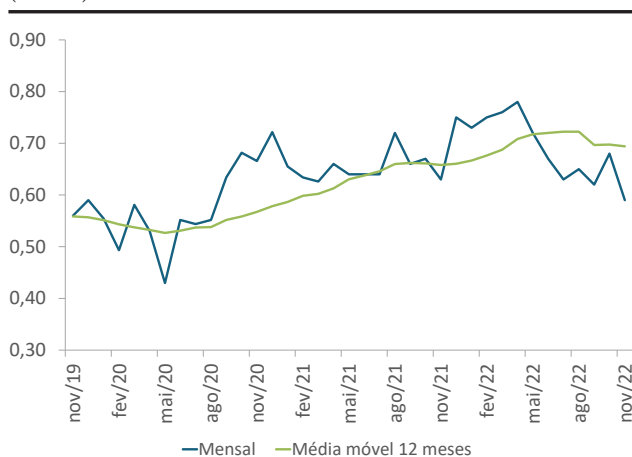
GRÁFICO 3
Índice de commodities e taxa de câmbio
 (Em US\$)



Fonte: BCB.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
 Obs.: Dezembro de 2005 = 100; taxa de câmbio em R\$/US\$.

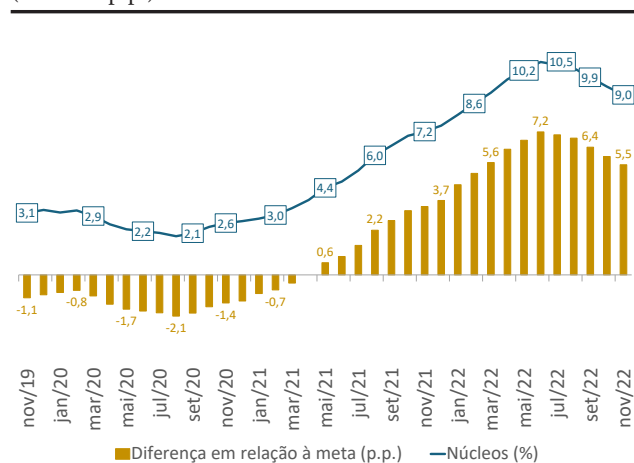
Assim como vem ocorrendo com o índice cheio, este movimento de descompressão inflacionária vem sendo corroborado pelo índice de difusão, cujos dados mostram que, desde abril, a inflação, medida pelo IPCA, tem se tornado mais restrita (gráfico 4). De modo semelhante, as medidas de núcleo de inflação também registram trajetória mais benevolente, embora ainda apontem variação elevada. Em novembro, a taxa acumulada em doze meses da média dos núcleos chega a 9,0%, situando-se 5,5 p.p. acima da meta de inflação estipulada para o ano, 3,5% ao ano (a.a.) (gráfico 5).

GRÁFICO 4
Indicador de difusão do IPCA: mensal e média móvel de doze meses
 (Em %)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 5
IPCA – média de núcleos acumulada em doze meses e desvio em relação à meta
 (Em % e p.p.)



Fonte: BCB.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Dentro deste contexto atual, que pouco se alterou no último trimestre, as projeções do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea para o IPCA, em 2022, foram mantidas em 5,7%, ainda que se verifique uma mudança de composição (tabela 1). No caso dos preços administrados, a projeção atual de deflação de 4,6%, um pouco

mais intensa que a estimada anteriormente (-4,2%), é resultante da queda mais acentuada dos combustíveis, do gás e da energia. Em contrapartida, as projeções de inflação para os alimentos no domicílio, para os bens industriais e para os serviços foram levemente elevadas, avançando de 13,2%, 8,7% e 7,6% para 13,3%, 9,0% e 7,8%, respectivamente.

TABELA 1
IPCA: projeção para 2022
 (Em % e p.p.)

	Projeção anterior			Projeção atual	
	Peso	Previsão da taxa de variação	Contribuição para o IPCA 2022	Previsão da taxa de variação	Contribuição para o IPCA 2022
Alimentos no domicílio	16,0	13,2%	2,1	13,3%	2,1
Bens Livres - exceto alimentos	23,5	8,7%	2,0	9,0%	2,1
Serviços - totais	34,6	7,6%	2,6	7,8%	2,7
Serviços - exceto educação	29,7	7,6%	2,2	7,8%	2,3
Educação	5,0	7,4%	0,4	7,6%	0,4
Monitorados	25,9	-4,2%	-1,1	-4,6%	-1,2
IPCA	100,0	5,7%		5,7%	

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

De modo similar, a projeção do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea para o INPC para 2022 também foi mantida em 6,0%, com mudanças na composição. Em relação aos preços administrados, os modelos mostram que a deflação projetada para o ano deve ser ainda mais intensa, passando de -3,9% para -4,4%. Todavia, há uma previsão maior para a inflação dos alimentos, dos bens industriais e dos serviços livres, cujas taxas de variação projetadas avançaram de 13,8%, 8,3% e 7,2% para 14,2%, 8,4% e 7,5%, respectivamente.

TABELA 2
INPC: projeção para 2022
 (Em % e p.p.)

	Projeção anterior			Projeção atual	
	Peso	Previsão da taxa de variação	Contribuição para o INPC 2022	Previsão da taxa de variação	Contribuição para o INPC 2022
Alimentos no domicílio	19,5	13,8%	2,7	14,2%	2,8
Bens Livres - exceto alimentos	26,7	8,3%	2,2	8,4%	2,2
Serviços - totais	28,5	7,2%	2,0	7,5%	2,1
Serviços - exceto educação	25,0	7,2%	1,8	7,5%	1,9
Educação	3,5	7,1%	0,2	7,6%	0,3
Monitorados	25,3	-3,9%	-1,0	-4,4%	-1,1
INPC	100,0	6,0%		6,0%	

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Para 2023, embora as estimativas do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea para o IPCA e o INPC tenham sido revistas para cima, avançando de 4,7% para 4,9% em ambos os casos, mantém-se a perspectiva de continuidade do processo de desinflação em curso no país. No caso dos preços administrados, em que pese a expectativa de comportamento favorável dos preços do petróleo no mercado internacional e de um cenário hídrico confortável, a pressão vinda dos reajustes contratuais das distribuidoras de energia e das operadoras de planos de saúde, além da recomposição mais acentuada das tarifas de transporte público, deve gerar uma alta da inflação deste segmento em 2023, contrastando com a deflação apontada em 2022. De acordo com os modelos utilizados, projeta-se alta similar, de 5,6%, para os preços administrados em 2023, tanto no IPCA quanto no INPC (tabela 3).

Já em relação aos preços livres, espera-se uma desaceleração da inflação, em 2023, em todos os segmentos que compõem este grupo de bens e serviços. De fato, mesmo diante de um aumento do risco sobre a taxa de câmbio – advindo, externamente, do aperto monetário mais forte em diversos países e, internamente, das incertezas em

relação à política fiscal –, a perspectiva de desaceleração das *commodities* no mercado internacional, aliada à projeção de uma safra recorde de grãos e à baixa probabilidade de eventos climáticos adversos, ajuda a compor um cenário de alta menos intensa dos alimentos e dos bens industriais. Desta forma, projeta-se alta de 5,2% e 3,3% para os alimentos e os bens industriais no IPCA e de 5,1% e 3,4% no INPC. Por fim, os efeitos sobre o mercado de trabalho do crescimento mais modesto da atividade econômica em 2023 devem gerar um arrefecimento da demanda por serviços e, por conseguinte, uma desaceleração da inflação deste segmento, cujas altas projetadas para o próximo ano são de 5,4% no IPCA e de 5,5% no INPC.

TABELA 3
IPCA e INPC: projeção para 2023
 (Em % e p.p.)

	IPCA			INPC		
	Peso	Previsão da taxa de variação	Contribuição para o IPCA 2023	Peso	Previsão da taxa de variação	Contribuição para o INPC 2023
Alimentos no domicílio	16,0	5,2%	0,8	19,5	5,1%	1,0
Bens Livres - exceto alimentos	23,5	3,3%	0,8	26,7	3,4%	0,9
Serviços - totais	34,6	5,4%	1,9	28,5	5,5%	1,6
Serviços - exceto educação	29,7	5,4%	1,6	25,0	5,5%	1,4
Educação	5,0	5,7%	0,3	3,5	5,7%	0,2
Monitorados	25,9	5,6%	1,5	25,3	5,6%	1,4
IPCA	100,0	4,9%		100,0	4,9%	

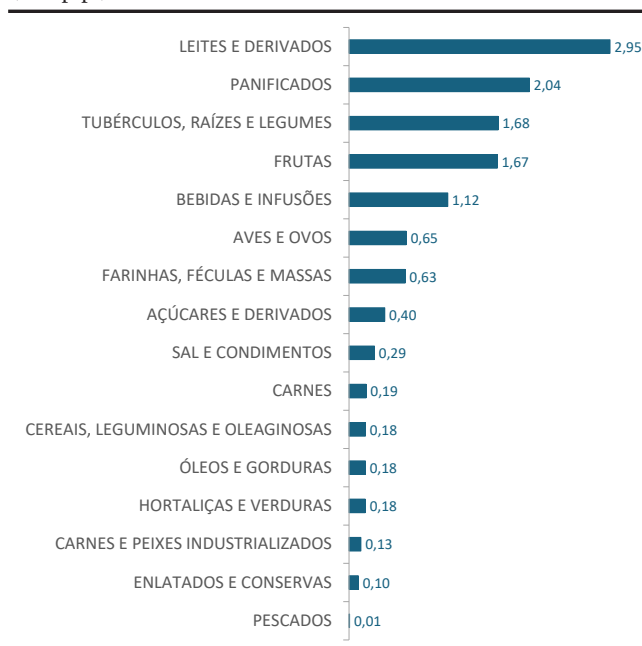
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

2 Inflação de alimentos

Ao longo de 2022, a alta dos alimentos no domicílio se constitui no principal foco de pressão inflacionária, tendo em vista que, no acumulado do ano, até novembro, o aumento dos preços dos alimentos no domicílio já chega a 12,4%, situando-se bem acima do observado no mesmo período do ano anterior (tabela 4). Na desagregação entre os segmentos que compõem este grupo de produtos (gráfico 6), observa-se que, ao longo do ano, as maiores pressões se encontram nos subgrupos leite e derivados, panificados, tubérculos e frutas, cujos reajustes de 24,2%, 19,7%, 32,6% e 26,0% respectivamente, geraram contribuição conjunta de 8,3 p.p., o que corresponde a quase 70% da inflação total dos alimentos no domicílio em 2022.

No caso do leite, embora já se verifique uma queda de preços na margem, a expressiva alta observada no ano reflete um movimento conjunto de aumento nos custos de produção e de recomposição de margens. Em relação aos panificados, os reajustes ainda são reflexo da elevação das cotações do trigo no mercado internacional. Já a ocorrência dos efeitos climáticos e o aumento dos custos de produção explicam as altas nos preços dos produtos *in natura* (tubérculos, hortaliças, verduras e frutas).

GRÁFICO 6
Alimentos no domicílio: maiores contribuições no ano (jan.-ago./2022)
 (Em p.p.)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Para dezembro, a alta estimada para os alimentos no domicílio, no IPCA, é de 0,8%, gerando uma inflação acumulada em 2022 da ordem de 13,3%, levemente acima da projetada anteriormente (13,2%). Para 2023, a projeção de inflação feita pelo Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea para este segmento, medida pelo IPCA, é de 5,2%, desacelerando significativamente em relação à registrada em 2022. No caso do INPC, a variação projetada para 2022 também foi revista para cima, passando de 13,8% para 14,2%. Já para 2023, a alta projetada é de 5,1%.

TABELA 4
IPCA: alimentos no domicílio por segmentos
 (Em %)¹

	Jan-Nov/21	Jan-Nov/22
Alimentação no domicílio	7,4	12,4
Cereais, leguminosas e oleaginosas	-12,1	4,0
Farinhas, féculas e massas	9,9	21,1
Tubérculos, raízes e legumes	10,9	32,6
Açúcares e derivados	17,0	9,4
Hortaliças e verduras	7,6	13,7
Frutas	-4,8	26,0
Carnes	7,0	1,2
Pescados	3,4	2,8
Carnes e peixes industrializados	9,5	3,8
Aves e ovos	23,4	7,7
Leite e derivados	7,2	24,2
Panificados	7,0	19,7
Óleos e gorduras	7,2	18,5
Bebidas e infusões	11,1	10,7
Enlatados e conservas	6,7	13,4
Sal e condimentos	7,5	13,5

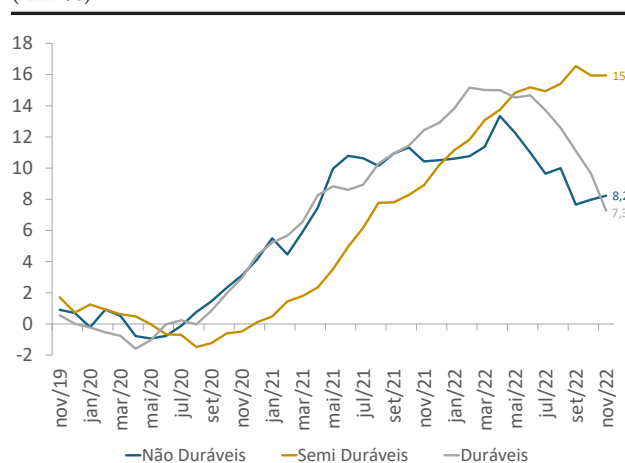
Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
 Nota: 1 Variação acumulada no ano.

3 Inflação de bens e serviços

Após iniciar o ano em trajetória de alta, com variação acumulada em doze meses chegando a 14,2%, em abril, a inflação dos bens industriais vem desacelerando continuamente, de modo que, em novembro, esta taxa já havia recuado para 9,8%. Além da apreciação cambial de 5,1%, observada de janeiro a novembro de 2022, a melhora nos custos de produção e a demanda por bens menos aquecida explicam o comportamento mais benevolente deste conjunto de preços. Por certo, a desaceleração das *commodities* metálicas no mercado internacional, a retomada da produção de insumos e a queda no preço da energia vêm gerando descompressão dos custos de produção e, conseqüentemente, reajustes mais amenos.

No acumulado do ano, até novembro, os preços industriais registram alta de 8,3%, 2,1 p.p. abaixo da alta observada no mesmo período do ano anterior, beneficiada,

GRÁFICO 7
IPCA: bens de consumo – variação acumulada em doze meses
 (Em %)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

sobretudo, pela desaceleração da inflação dos bens de consumo duráveis, cuja variação recuou de 11,3%, em 2021, para 5,8%, em 2022 (tabela 5). Em contrapartida, o comportamento dos bens semiduráveis vem atenuando este processo de desaceleração dos preços industriais. De janeiro a novembro, este conjunto de preços registra alta de 13,9%, impactado, sobretudo, pelo aumento de 16,2% dos artigos de vestuário.

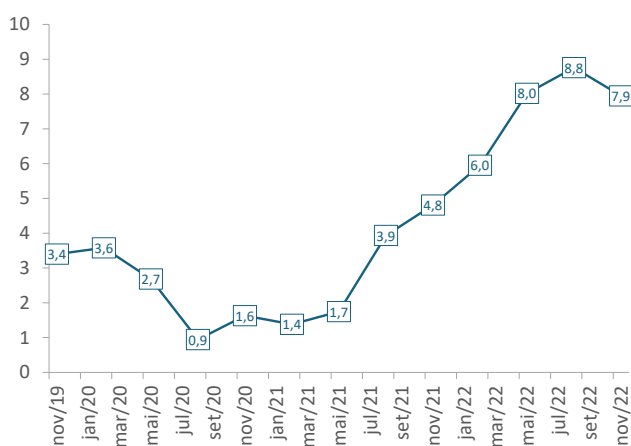
TABELA 5
Bens industriais: variação acumulada no ano
 (Em %)

	Jan-Nov/21	Jan-Nov/22
Bens Industriais	10,4	8,3
Bens de consumo duráveis	11,3	5,8
Mobiliário	13,4	16,5
Eletroeletrônicos	10,7	2,2
Automóveis	14,1	7,9
Motocicleta	11,2	13,3
Bens de consumo semiduráveis	8,2	13,9
Utensílios e enfeites	5,9	4,0
Cama, mesa e banho	11,0	6,0
Vestuário	8,1	16,2
Bens de consumo não duráveis	9,4	7,1
Reparos na residência	8,5	7,7
Artigos de limpeza	5,9	18,0
Artigos de higiene	0,8	12,6

Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

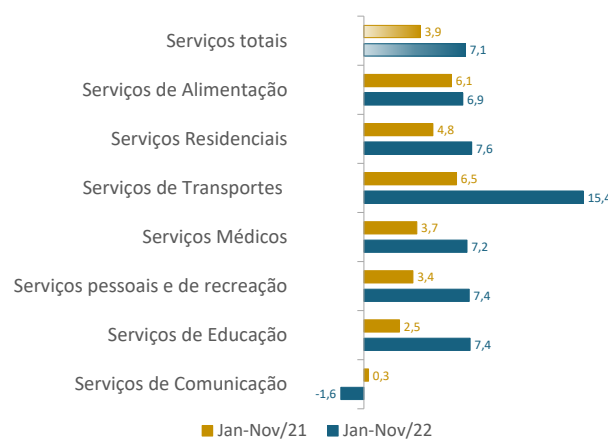
Ao contrário dos bens industriais, a retomada da demanda por serviços, iniciada no segundo trimestre de 2021, não mostra sinais de arrefecimento, provavelmente beneficiada pela forte expansão da massa salarial. No acumulado em doze meses, a inflação de serviços avançou de 5,1% para 7,9% entre janeiro e novembro (gráfico 8). Já no acumulado do ano, a alta de 7,1% observada em 2022 é bem mais intensa que a registrada no mesmo período do ano passado (3,9%). Na abertura entre categorias (gráfico 9), os dados mostram que, à exceção dos serviços de comunicação, todas apontam aceleração da inflação no ano, com destaques negativos para os segmentos de transportes e educação, com taxas de variação de 15,4% e 7,4%, repercutindo, sobretudo, a alta de 22,4% das passagens aéreas e de 7,2% das mensalidades escolares.

GRÁFICO 8
IPCA: inflação de serviços livres (variação acumulada em doze meses)
 (Em %)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 9
IPCA: inflação de serviços livres (variação acumulada no ano)
 (Em %)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

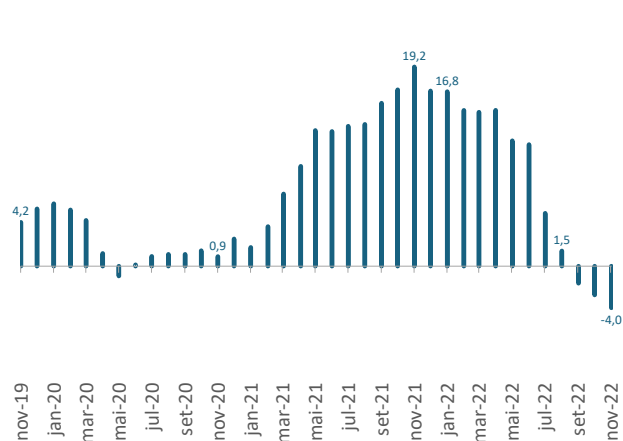
Dada a alta um pouco mais forte dos bens semiduráveis e dos serviços de transportes, nos últimos meses, as previsões do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea para a inflação dos bens livres e dos serviços, em 2022, foram revistas para cima. No caso dos bens de consumo, a estimativa de alta para este grupo no IPCA avançou de 8,7% para 9,0%, enquanto no INPC a variação estimada passou de 8,3% para 8,4%. De modo similar, a alta projetada para a inflação de serviços no IPCA e no INPC avançou de 7,6% e 7,2% para 7,8% e 7,5%, respectivamente. Para 2023, a expectativa é de desaceleração da inflação destes dois segmentos, balizada por um cenário mais favorável das *commodities* no mercado internacional e de um arrefecimento da demanda por bens e serviços, decorrente de uma acomodação do mercado de trabalho. Logo, a alta projetada para os bens industriais é de 3,3% no IPCA e de 3,4% no INPC. Para os serviços, as taxas estimadas são de 5,4% no IPCA e de 5,5% no INPC.

4 Inflação de preços monitorados

Ao longo do ano, a queda dos preços administrados se constituiu no principal fator de desaceleração da inflação. De janeiro a novembro, a inflação acumulada em doze meses deste segmento recuou fortemente, passando de 16,8% para -4,0% (gráfico 10). De modo similar, no acumulado do ano, os preços administrados apontam deflação de 4,1% – ante variação positiva de 16,8% registrada no mesmo período do ano anterior –, refletindo a forte queda nos preços da gasolina (-25,0%) e da energia (-19,2%). Se, no caso da energia, a queda nas tarifas está ligada à redução das alíquotas de ICMS, no caso da gasolina, a isenção da cobrança da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) e do Programa de Integração Social/Contribuição para Financiamento da Seguridade Social (Pis/Cofins) e a queda das cotações internacionais do petróleo potencializaram os efeitos da mudança tarifária, gerando redução de preços ainda mais intensa (gráfico 11).

GRÁFICO 10

IPCA: inflação de preços monitorados – variação acumulada em doze meses
(Em %)

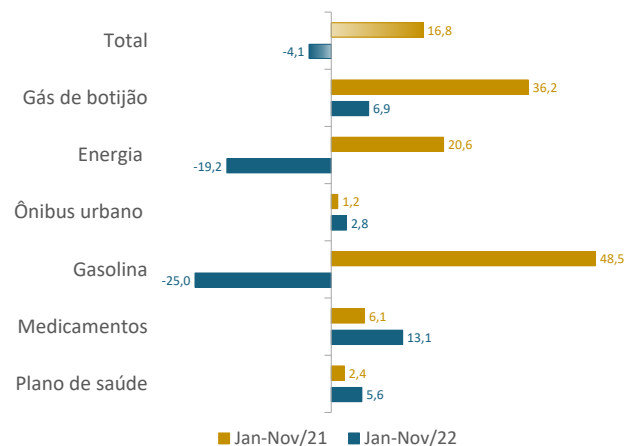


Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 11

Preços monitorados: itens selecionados – taxa de variação acumulada no ano
(Em %)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Para 2022, diante da nova deflação dos combustíveis esperada em dezembro, a estimativa de inflação projetada para este conjunto de preços, no IPCA, recuou de -4,2% para -4,6%. No INPC, a deflação esperada passou de -3,9% para -4,4%. No próximo ano, entretanto, a expectativa é de alta neste segmento, repercutindo, sobretudo, os reajustes contratuais da energia elétrica, dos planos de saúde e das tarifas de transporte público. Logo, a previsão do Ipea para os preços administrados em 2023 é de 5,6% tanto no IPCA quanto no INPC.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Diretor)
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos (Diretor Adjunto)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Editor)
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos (Editor)
Fábio Servo
José Ronaldo de Castro Souza Júnior
Leonardo Mello de Carvalho
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Sandro Sacchet de Carvalho

Pesquisadores Visitantes:

Ana Cecília Kreter
Andreza Aparecida Palma
Antônio Carlos Simões Florido
Cristiano da Costa Silva
Felipe Moraes Cornelio
Paulo Mansur Levy
Sidney Martins Caetano

Equipe de Assistentes:

Alexandre Magno de Almeida Leão
Antonio Henrique Carlota de Carvalho
Caio Rodrigues Gomes Leite
Diego Ferreira
Diego Rosalino Marques
Felipe dos Santos Martins
Izabel Nolau de Souza
Marcelo Lima de Moraes
Pedro Mendes Garcia
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.